

Abraão Veloso na exposição *Um abraço em um fio de lã*: movido pelo afeto

DIEGO_BRESANI

Nahima Maciel

A Cerrado Cultural inaugura hoje duas exposições de jovens artistas cuja produção dialoga com a contemporaneidade, mas também com a ancestralidade e o imaginário das tradições. Movido pelo afeto e pelas relações interpessoais, o mineiro Abraão Veloso traz da própria história familiar a técnica utilizada para refletir sobre negritude e laços de afetividade na exposição *Um abraço em um fio de lã*, que tem curadoria de Divino Sobral.

Com linhas, tecelagem e tapeçaria, mas também com pinturas, ele traça perfis que retratam homens negros, a maioria conhecidos e amigos ou pessoas que admira, com uma delicadeza que faz do trabalho um aconchego para o olhar. “Penso nesse universo da afetividade para figuras tratadas, durante muito tempo, num universo de violência”, explica, ao admitir que utiliza as cores pastéis para remeter o olhar do público a um lugar de carinho e doçura. “Tem a linha, a lã, que utilizo como um artefato protetivo. Desde criança vejo o fio como um lugar de afetividade, porque na minha família tem muitas pessoas que trabalham com fio e crochê. Uso esse fio para proteger e

Exposições na Cerrado Cultural reúnem obras dos artistas Abraão Veloso e Rafael de Almeida

SERVIÇO

Antes do couro ceder

De Rafael de Almeida.
Curador: Matteo Bergamini

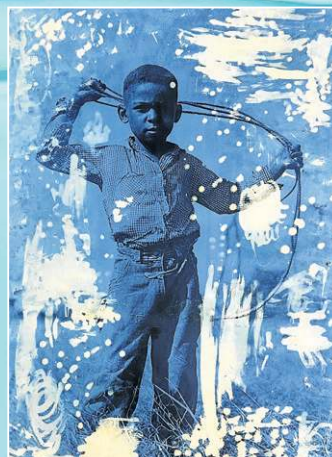
Um abraço em um fio de lã

De Abraão Veloso.
Curador: Divino Sobral
Abertura hoje, às 11h, na Cerrado Cultural (SHIS QI 05, Chácara 10, Lago Sul). Visitação de segunda a sexta, das 10h às 19h, e sábado, das 10h às 13h

Ancestralidade, arquivos e tradições



Abraão Veloso mergulha na ternura de personagens tratados com violência



Rafael de Almeida explora a arte derivada dos arquivos ou da falta deles



Memória e apagamento também são materiais de Rafael de Almeida

A distância entre os relatos orais da população e o conteúdo dos arquivos históricos é uma das linhas de trabalho do artista. Ao se deparar com narrativas de pessoas que viveram o mesmo momento histórico do arquivo, mas que relatam vivências e práticas que não estão registradas, o artista passou a refletir sobre noções de memória, apagamento e o quanto fatores ideológicos permitem que determinadas imagens existam em detrimento de outras. “A hipótese que tenho trabalhado é que essas comunidades rurais que viveram e seguem vivendo no Brasil central não tiveram e não têm capacidade de produção de vestígio. E sem vestígio, não há como ser institucionalizado”, explica.

Os vestígios, Rafael leva para as cianotipias, aquarelas e fotografias que servem de base à produção das séries de *Antes do couro ceder*. Ao identificar as ausências, ele trata de inseri-las em imagens criadas com inteligência artificial e depois envelhecidas graças a técnicas de sensibilização química do papel. “Mas primeiro tem a pesquisa histórica para identificar a ausência nos arquivos”, avisa.

fazer essa oferta para esses personagens”, diz.

O afeto é uma das matérias-primas do artista, que ele justifica como um lugar de autoconhecimento e autoproteção. “Uma das coisas mais importantes para mim no quesito do retrato é saber se a pessoa que eu pinte se sente bem representada. Esse é um dos principais motivos para meu trabalho existir: nós, homens pretos brasileiros, podemos nos ver nesse lugar do afeto, do acolhimento”, avisa Abraão, que

fala em representatividade do universo LGBT negro.

Ausências

Interessado em pesquisar a constituição da memória das tradições e a importância dos arquivos para constituir esse tipo de acervo, o goiano Rafael de Almeida criou as cianotipias de *Antes do couro ceder*, exposição com curadoria de Matteo Bergamini. “O trabalho surge do interesse por pensar práticas artísticas derivadas dos arquivos ou das

ausências dos arquivos. Então tenho pensado muito e elaborado, tanto artisticamente quanto conceitualmente, essa noção de elaboração material da ausência”, explica o artista, que tem se dedicado a pensar em questões relacionadas a paisagens naturais e humanas do Brasil central. É nesse contexto que surge o interesse pela importância da figura do boi, da lida com o gado e do manejo agrícola na constituição da subjetividade dos habitantes do que chama de “sertão-cerrado brasileiro”.